



Entrevista com Rute Saraiva,
gestora de unidade de
negócios da Sinfic

“Sentimos
que o
mercado
está ávido de
informação”

São evidentes as dificuldades que se colocam a quem precisa de recolher dados sobre o comportamento da economia e dos agentes económicos nacionais, pois são escassas as informações numéricas e estatísticas disponibilizadas, principalmente quando se tratam de informações oficiais. Porém, Rute Saraiva garante que o cenário está a mudar, e que é crescente o número de organizações que vai produzindo dados sobre os respectivos mercados e actividades.

Helena Rodrigo Costa
helenacosta.economiaemercado@gmail.com

Economia & Mercado – Como é que avalia o actual estado da produção estatística em Angola?

Rute Saraiva – Não nos podemos esquecer que o país viveu um período de conflito armado no qual não era possível montar-se uma estrutura que permitisse que se efectuassem recolhas de dados. Actualmente, e ao nível das estatísticas oficiais, e do ponto de vista da organização dos serviços, é de salientar que o Instituto Nacional de Estatística (INE) se encontra a efectuar um esforço para poder vir a

proporcionar as necessárias informações. De facto, nos últimos cinco anos tem-se registado um empenho significativo ao nível da reestruturação das suas metodologias e da organização dos respectivos serviços, sendo que em breve este processo dará os seus frutos, nomeadamente quando for necessário aplicar uma campanha nacional de recolha de dados, como é o caso, por exemplo, do recenseamento geral da população.

E&M – Estão envolvidos em algum projecto de apoio ao INE?

RS – Estamos, já há alguns anos, envolvidos num projecto com o INE, o qual recai não tanto ao nível da produção estatística, mas mais ao nível da organização das bases de dados para a elaboração dos planos amostrais.

E&M – Que entendimento tem sobre a capacidade do INE em, no médio prazo, e com rapidez, qualidade e regularidade, proporcionar maiores níveis de informação estatística ao país?

RS – Não lhe consigo precisar se será em breve, mas o INE está a desenvolver um enorme esforço para rapidamente se organizar e começar a disponibilizar maiores níveis de informação ao mercado.

E&M – E qual a percepção que tem sobre o estado da produção de estatísticas, no âmbito das restantes entidades públicas?

”

Regista-se ainda uma fraca percepção sobre a necessidade de se incorporarem os números e a estatística nos processos das organizações.

”

Perderam-se hábitos, metodologias, processos, quadros e competências, sendo que isso levou a que as próprias organizações ficassem mais vulneráveis neste domínio e não consigam responder tão prontamente às solicitações de informação estatística.

RS – Existem outras instituições públicas que têm estado a desenvolver este esforço, nomeadamente aquelas entidades que precisam regularmente de recolher dados, como sejam o Banco Nacional de Angola, o Ministério da Agricultura ou o Ministério da Administração do Território, o qual também tem estado a organizar um conjunto de experiências muito interessante do ponto de vista de centros de dados, isto só para citar alguns exemplos.

Os estudos de mercado

E&M – Apesar destes esforços, a verdade é que um dos grandes problemas que se coloca à generalidade dos gestores, investigadores, jornalistas, estudantes, docentes, etc., é a grande dificuldade em aceder a números que retratem a realidade do país, e isto aplica-se tanto a dados demográficos, como agrícolas, financeiros, industriais, mercantis, enfim, a uma panóplia de informação essencial para se trabalhar e agir sobre o tecido económico e social do país. Portanto, mesmo que os dados vão existindo, a verdade é que não estão acessíveis, e, deste modo, não servem as necessidades do país, correcto?

”

Há que ter em conta que a disponibilização de dados estatísticos sobre o país terá que ser feita considerando duas fontes, uma a oficial e outra as empresas, em particular as que começam a desenvolver sistemas de informação de marketing.

► **RS** – Não vejo as coisas exactamente assim. Existem dois campos que temos que distinguir. Por um lado temos as estatísticas internas e oficiais dessas instituições públicas, por outro temos algumas empresas privadas a desenvolverem esforços para criarem sistemas de informação de marketing, sendo que aí existe uma articulação com as empresas de estudos de mercado, onde nós também participamos. Agora, há que ter de facto em conta que a disponibilização de dados estatísticos sobre o país terá que ser feita considerando duas fontes, uma a oficial e outra as empresas, em particular as que começam a desenvolver sistemas de informação de marketing.

E&M – Mas mesmo ao nível das empresas, é notório em Angola uma grande resistência ao fornecimento de dados sobre o seu mercado, desempenho, investimento, etc., não lhe parece?

RS – É verdade, mas nós, por exemplo, o que temos estado a fazer é a apostar na criação de plataformas de consulta para clientes que estejam credenciados. Ou seja, criamos portais de informação, e todos os clientes e colaboradores credenciados podem aceder a esses indicadores, os quais foram desenvolvidos por nós, no âmbito dos nossos centros de estudos.

E&M – A ideia destas plataformas surgiu como?

RS – Sentimos que o mercado está ávido de informação e, portanto, fazia sentido divulgar estes dados que, recorde, são não oficiais.

E&M – Ao nível das prioridades e principais necessidades nacionais no domínio da informação estatística, que sectores se afiguram como prioritários?

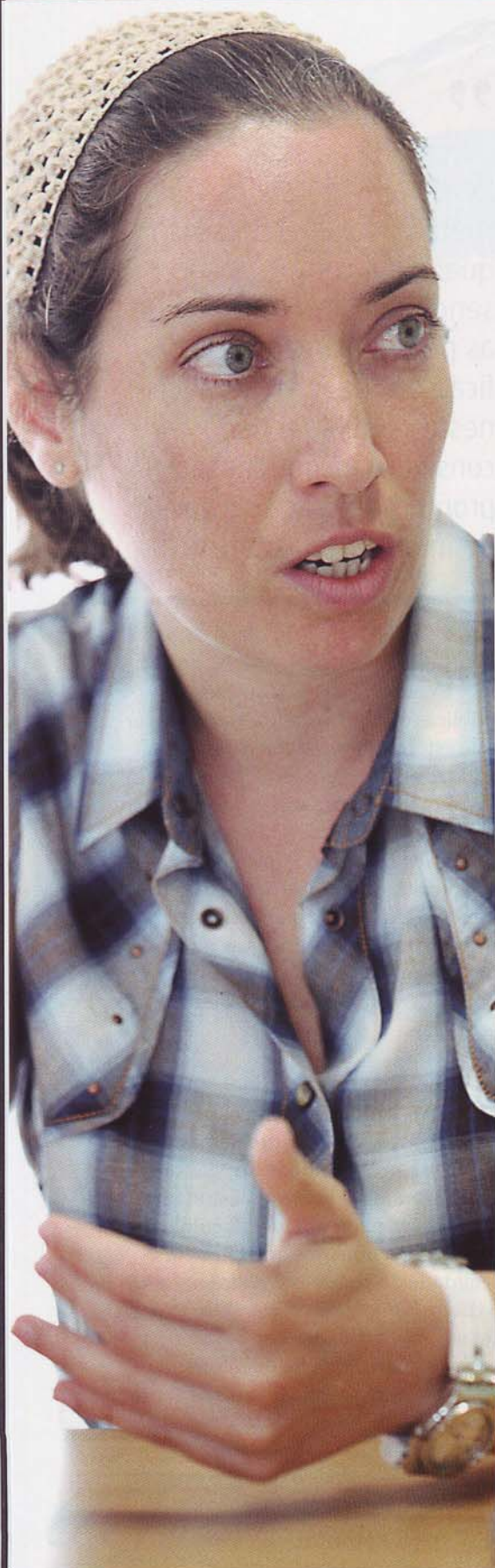
RS – Todos! Mas não basta recolher a informação, há que trabalhá-la, pois caso contrário não estamos a acrescentar valor, ou se quiser, conhecimento e, consequentemente, não será possível apoiar o processo de tomada de decisão. Assim, qualquer organização, em qualquer sector, tem que ter informação estatística. Quer ela seja relativa a fontes oficiais, e aí estamos a falar da necessidade de o país produzir indicadores gerais e posicionar-se no mundo da informação estatística, quer ao nível de dados internos e sectoriais. E sobre estes últimos, qualquer organização pode desenvolver estas ferramentas de recolha e análise de informação.

Estatísticas e investimento

E&M – Mas sabendo-se que Angola não consegue, de um dia para o outro, produzir informação estatística sobre todos os domínios da sua actividade económica, empresarial e social, o que que seria de desenvolver primeiro?

RS – Há um conjunto de indicadores basilares que estão muito ligados com a questão da estatística demográfica, habitacional, de emprego e de desempenho económico. Diria que estas quatro vertentes são muito importantes e que, por exemplo, ajudam bastante os investidores, nomeadamente os estrangeiros, pois se estes não conseguirem perceber qual o quadro e que vão actuar, nunca terão capacidade de perceber o que é que têm que oferecer ao mercado e que necessidades ou expectativas poderão satisfazer.

E&M – No fundo, a disponibilização de mais dados estatísticos sobre a



economia nacional iria permitir, não diria propriamente mais investimento, mas um investimento mais orientado e, provavelmente, mais eficaz nas respostas às necessidades do país?

RS – Claramente que sim. Contudo, quando o país não dispõe de capacidade instalada para fornecer dados estatísticos, porque se estão a criar as condições para os efectuar, os estudos de mercado, e as empresas que os fornecem, funcionam como importantes ferramentas de apoio às decisões de investimento.

E&M – No seu dia-a-dia, não sente alguma resistência dos organismos públicos, mas também das empresas, em fornecer dados, em particular, numéricos?

RS – O que acontece muitas vezes, é que as instituições, públicas e privadas, não estão organizadas a esse nível e, portanto, a resistência coloca-se mais porque não têm condições para fornecer esses dados, porque a informação ou não existe ou não está organizada, do que propriamente por os quererem esconder. Obviamente há casos de confidencialidade e, nesses casos, temos que a respeitar.

E&M – Esta espécie de aversão à divulgação de números não estará também relacionado com uma fraca

”

Quando o país não dispõe de capacidade instalada para fornecer dados estatísticos, porque se estão a criar as condições para os efectuar, os estudos de mercado, e as empresas que os fornecem, funcionam como importantes ferramentas de apoio às decisões de investimento”.

cultura de prestação de contas e transparência dos actos de gestão?

RS – Não podemos dissociar esta realidade dos anos em que o país esteve em guerra. Perderam-se hábitos, metodologias, processos, quadros e competências, sendo que isso levou a que as próprias organizações ficassem mais vulneráveis neste domínio e não consigam responder tão prontamente às solicitações de informação estatística.

E&M – Mas em face das exigências do mercado, esta não é uma matéria que claramente terá que ser incorporada na gestão das organizações?

RS – Sim, e lentamente começamos a ver mudanças e, inclusivamente, a encontrar nas instituições pessoas formadas para trabalhar nesta área. Porém, não é fácil falar com as organizações sobre estatística, pois a maioria tem algum receio em trabalhar com os números, embora, cada vez mais, as instituições, quer públicas quer privadas, entendam a importância de agregar esta componente à sua cadeia de valor.

Prioridades e desafios

E&M – Para além deste facto, quais são os principais constrangimentos e dificuldades encontradas no quadro de actuação da produção estatística em Angola?

RS – Ao nível dos projectos de menor dimensão, regista-se ainda uma fraca percepção sobre a necessidade de se incorporarem os números e a estatística nos processos das organizações. Do ponto de vista dos projectos maiores, que implicam um trabalho de campo mais vasto, sentem-se dificuldades ao nível dos recursos humanos disponíveis, nomeadamente quanto aos entrevistadores, mas superámos esse facto recorrendo a formação.

E&M – E quanto aos principais desafios para os próximos anos?

RS – Ao nível do sector público, existe uma grande necessidade de reestruturação e organização dos sistemas de informação, os quais deverão ser capazes de produzir, actualizar e acompanhar o desenvolvimento de um conjunto de indicadores fundamentais. Há ainda a necessidade de se olhar para a questão das tecnologias. Hoje em dia, o lápis e o papel estão ultrapassados por outras soluções tecnológicas, como, por exemplo, o computador portátil ou o telefone, as quais devem ser incorporadas no processo de produção da estatística nacional, nomeadamente porque permitem tratar a informação mais rapidamente e, deste modo, levar a que a tomada de decisão seja feita num espaço de tempo mais curto.

E&M – E ao nível das bases de amostragem?

RS – Finalmente, temos as metodologias de recolha da informação, pois para se ter dados fiáveis, nem sempre é necessário fazer-se um recenseamento. De facto, o recenseamento é uma operação oficial, que está ligada a algumas estatísticas nacionais essenciais, mas para decisões que dizem respeito ao acompanhamento de políticas, impacto de projectos e medidas, entre outras, não precisamos de ter uma recolha exaustiva da informação, sendo que se podem definir outras metodologias mais simples e eficazes para este tipo de abordagem, as quais consomem também menos tempo e, em resultado, são disponibilizadas mais rapidamente. ■

”

Não basta recolher a informação, há que trabalhá-la, pois caso contrário não estamos a acrescentar valor, ou se quiser, conhecimento e, consequentemente, não será possível apoiar o processo de tomada de decisão